

Relatos de uma não- deriva por uma ex- cidade fantasma chinesa

Por Tiago Schultz*

***Tiago Schultz** é mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFBA (2014-2016), graduado pela Universidade Federal da Bahia (2011), foi aluno do Programa de Mobilidade Acadêmica na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto – FAUP (2008-2009). Integrou o grupo de pesquisa Laboratório Urbano do PPG-AU/FAUFBA (2013-2015). Foi membro da pesquisa Cronologia do Pensamento Urbanístico. Realizou Monitoria e Tirocínio Docente na área de ensino das matérias de projeto arquitetônico e urbanístico: Monitoria de Atelier 4 – FAUFBA (2011.1 e 2011.2) e Tirocínio Docente de Atelier 5 – FAUFBA (2014.1 e 2014.2). Atuou e desenvolveu atividades como arquiteto-colaborador em escritórios de arquitetura na cidade de Salvador/BA, com experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, e ênfase em Projeto de Arquitetura. Desenvolve pesquisa sobre urbanização e a cidade contemporânea dentro da historiografia e pensamento urbanístico, e desenvolve projetos de caráter multidisciplinar nas áreas de arquitetura, urbanismo, artes visuais e design. E-mail: tiago.schultz@gmail.com



Existiam pelo menos três voos diretos saindo do aeroporto de Nanyuan em direção a Ordos, mas nenhuma companhia aérea (em sã consciência) disponibilizaria essa quantidade de voos diários para uma cidade fantasma. Recentemente, o aeroporto, inaugurado em 1910, enquanto a China ainda estava na Dinastia Qing, teve suas operações transferidas para o megalomaniaco Daxing Airport, desenhado pelos arquitetos da Zaha Hadid Architects, fechando as portas de uma vez por todas e causando comoção no país - já que até o Henry Kissinger aterrissou por lá em função da emblemática visita de Richard Nixon à China em 1971.

Quatro anos antes de encerrar suas atividades em 2019, pegamos um voo lotado de passageiros indo de Pequim para Ordos, saindo deste aeroporto, e nos perguntávamos: será que estamos mesmo na fila para aquela cidade fantasma que vimos noticiada na mídia quando ainda estávamos no Brasil? Fomos com uma série de perguntas e desconfianças até Ordos, projetada para uma população de 1,3 milhões de habitantes e com apenas 2% de construções ocupadas na época.

Paramos no tal aeroporto, dormimos a primeira noite em um centro próximo e seguimos para o novo distrito de Kangbashi. Pegamos um taxi, o motorista usava óculos escuros e parecia o Psy da música Gangnam Style, lançada em 2012 - mesmo ano, aliás, que Wang Shu levou o Prêmio Pritzker; ao que, em meio a todas essas coincidências e devaneios, chegamos em grande centro cívico composto por um eixão monumental, ao melhor estilo da dupla Lúcio e Oscar, e com céu límpido de uma letra do Djavan. Não contentes, aquele centro histórico forjado, criado e previsto em projeto (chamado Kangbashi touristArea) de dar inveja a Ouro Preto ou Pelourinho, com direito a um enorme museu, amorfo, sem acervo e sem exposições, desenhado pelos MAD Architects - que lhes pouparemos a tradução e trocadilho - contava também com uma série de casas em construção.

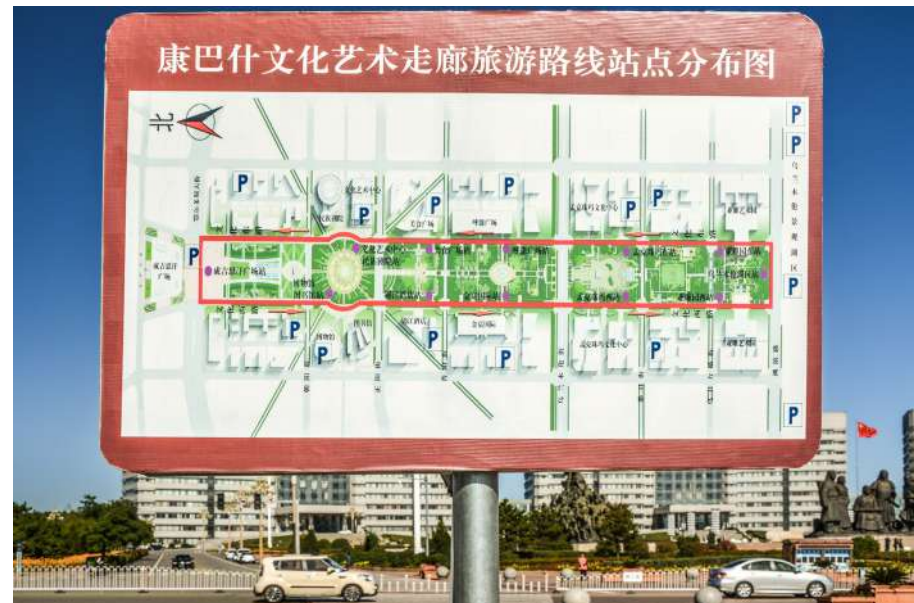
Figura 01: Taxista que nos levou a Kangbashi. Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.





Figura 02: Placa “K a n g b a s h i touristArea”. Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.

Figura 03: Propaganda do “Eixão de Kangbashi”. Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.



O grande eixo tem uma série de fantasmas conhecidos do nosso urbanismo (moderno), desde os velhos amigos: setorização, malha urbana rodoviarista, marcos urbanos, pontos nodais, até os novos coligados como turistificação, pelos edifícios “âncoras culturais”; espetacularização, por meio da venda da imagem da cidade, e da *city marketing*; além da estetização e animação urbana com *bikes eco-friendly*, dentre outras vedetes contemporâneas do urbanismo *walking dead* que norteou essa proposta.

O eixão de Ordos é um exemplo hiperbólico da falência do urbanismo, que, como diria Koolhaas, acabou na década de 1960, junto com os últimos bons livros sobre arquitetura, na época em que todas as publicações dentro do nosso campo subitamente passaram apenas a tratar de cidades e urbanismo, quase como algo separado dos “problemas arquitetônicos”. Esses ficaram para trás quando surgiram propostas *high-tech* ou *deconstrutivistas* como respostas *prêt-à-porter* aos “problemas urbanos”, que ficaram pelo caminho e nos levaram à impossibilidade de representação na atualidade. É a incapacidade de a arquitetura ser relevante – quando

muito consultada – a respeito de seus próprios rumos, quando políticos como Donald Trump passam a resolver “qual estilo seguir”, completamente avessos à própria noção do que torna um edifício uma arquitetura, que dirá definir o que virá a nortear uma produção arquitetônica futura. Mais uma grave intervenção no dever criativo arquitetônico.

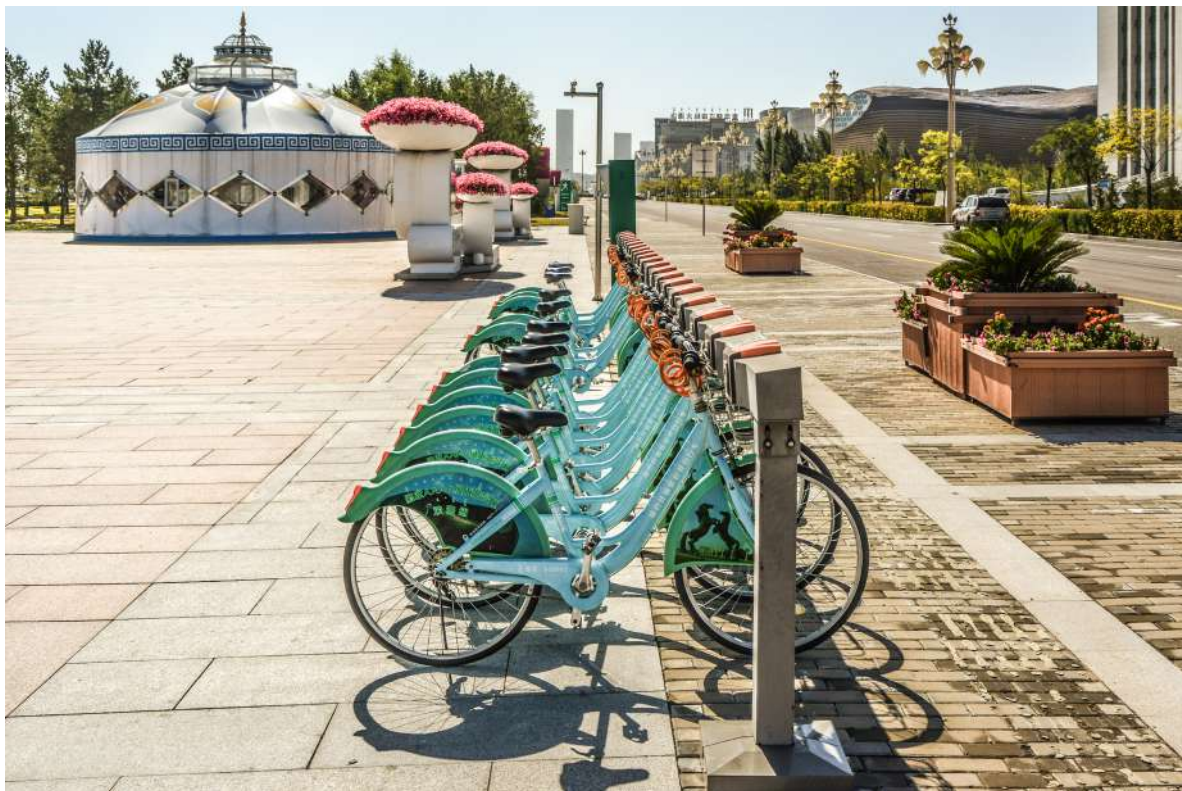


Figura 04: Simulação de bikes da iniciativa privada, estilo urbanismo tático, na China.
Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.



Figura 05: Trenzinho-turístico, edifícios-ícone e esculturas aleatórias em Kangbashi.
Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.

Temos consciência de que, por meio de exemplos hiperbólicos, talvez possamos fazer ver ou discutir temas amplos e por vezes menosprezados no nosso campo, e usamos Ordos para falar dos nossos estranhamentos porque funciona como um espelho que reflete tudo aquilo que projetamos enquanto teoria e crítica da arquitetura e que volta em forma de esculturas gigantes de cavalos mogóis, de trenzinhos que mostram pontos turísticos criados, eixões e desenhos urbanos ligados às lógicas especulativas. Mais que isso, só mesmo acessar os vídeos da Redbull e ver como os skatistas radicais usaram a Kangbashi como espécie de cidade-half, dando asas à imaginação neoliberal de que é possível vender muito mais do que coca-cola no deserto de Gobi.



Mas essa parte da nossa não-deriva não estaria completa se ela não nos trouxesse a (talvez inútil) reflexão a respeito do significado de ORDOS100 para a teoria e crítica da arquitetura contemporânea. Idealizado por Ai Weiwei e Herzog & de Meuron, 100 escritórios de arquitetura foram convidados a integrar um time estrelado que deveria projetar e construir (mais uma!) nova centralidade em Ordos, além de Kangbashi, como resposta a uma encomenda bastante inusitada, mas comum aos olhos dos arquitetos: sem saber ao certo a procedência do cliente e, principalmente, de onde viria o dinheiro.

Ai Weiwei nos presenteia com uma gravação que sucede os três encontros, transformados em uma espécie de documentário que registrou todo o processo de projeção, numa espécie de *reality show*, um grande *Big Brother* da arquitetura contemporânea, filmado entre 2008 e 2011.

Figura 06: Diferença e repetição na China: prédios repetidos tipo um "carimbo arquitetônico" em condomínio, tipo plano 100 e alphavilles. Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.

O vídeo mostra a situação atual que a "arquitetura contemporânea" se encontra hoje; em entrevista, é possível ver o urbanismo acrítico e irresponsável denunciado por Koolhaas na década de 1995. Nesta que poderia ser uma versão contemporânea do *Weissenhof* (Stuttgart, 1927), um bairro inteiro desenhado em uma nova área de uma cidade existente, reunindo o que havia de "melhor" em termos de tecnologia, *design* urbano e arquitetura moderna da época como Mies Van Der Rohe, Le Corbusier, Bruno Taut, dentre outros arquitetos modernistas; ORDOS100 é a expressão própria da crise da representação e zero engajamento político ou noção crítica em arquitetura. As casas, cada uma com mais de mil metros quadrados, assinadas por nomes como Sou Fujimoto, Alejandro Aravena e Rojkind Arquitectos, foram desenhadas sem levar em consideração o contexto político, econômico e social em que se estava projetando, visando apenas ao lucro, sem nenhuma relação com a visão de mundo e capacidade cognitiva dos arquitetos envolvidos no projeto moderno em torno do citado bairro alemão, esses com fortes traços utópicos, voltados a resolver problema de moradia e ligados a uma proposição de futuro; coisa que não se vê nessa experiência contemporânea: apenas vemos escritórios buscando 15 minutos de fama, fazendo e falando barbaridades vexaminosas.

Daqueles três encontros entre os 100 arquitetos filmados por Weiwei: o primeiro foi de inspeção da área do futuro empreendimento; o segundo, de discussão estética, técnica e materialidade do conjunto dos edifícios entre si; e o terceiro, de confecção e apresentação das maquetes dos projetos. Acontece que, feitos à revelia de qualquer noção de urbanidade, ou habitabilidade, e sem nenhuma teoria que os norteasse, os projetos das casas saíram, cada um à sua maneira, desastrosas proposições arquitetônicas sem nenhuma sintonia ou relação com o lugar.

Das entrevistas com os arquitetos, chamaram nossa atenção, no primeiro encontro, um coquetel regado a muita bebida, *show* com danças e trajes típicos da Mongólia, onde um entrevistado demonstra entusiasmo "em construir uma cidade do zero, já que há mais de 120 anos não se constrói uma na Europa"; outro diz com naturalidade que o projeto que havia feito era "resultado

da globalização” e que poderia ser “feito em qualquer lugar”. Notamos a dificuldade destes arquitetos não só em lidar com questões como a construção de uma nova cidade, do zero, como eles mesmos disseram, como também a incapacidade de se relacionar com o entorno existente.

Este tipo de problema, por exemplo, não é verificado no projeto para o novo bairro de Weissenhof, já que os edifícios tem boas conexões, existe um sentido e visão coerente em toda a intervenção urbana, as casas são bem implantadas e todas são bastante propositivas não só do ponto de vista arquitetônico, mas político, social e econômico. Existe uma boa dose de utopia e vontade de futuro em Weissenhof que não se lê em ORDOS100. E olha que estamos falando de um projeto de 1927 versus um projeto de 2011. No projeto do bairro modernista encontramos atenção à cidade existente, busca de uma integração aos modos de vida e propósito; já no projeto do bairro contemporâneo temos desprezo pela cidade existente, projetos alheios ao contexto urbano e desconectados da realidade sócio econômica e cultural local. Essas atitudes, normalmente associadas ao modernismo, se aplicam apenas no caso de ORDOS100.

Nos demais encontros a diversão é garantida por conta da verdadeira desterritorialização promovida por Weiwei ao deslocar esses arquitetos de seus escritórios herméticos e distantes da realidade chinesa, e colocá-los em um hotel de luxo na Mongólia Interior, fazendo com que seus discursos beirem o vexame. Nenhum arquiteto se interessou em saber como as pessoas vivem em Ordos, não conversaram com pessoas da cidade, nem mesmo com o *staff* do hotel. Em uma passagem do documentário um arquiteto até afirma que “*não é sobre como as pessoas vivem aqui, porque elas vivem exatamente igual a qualquer outra pessoa no mundo...*”, e continua: “*a questão aqui é sobre bons materiais construtivos e questões climáticas*”. Nos hospedamos neste mesmo hotel quando estivemos lá em visita, e confirmamos uma série de passagens do documentário falando com o gerente do hotel, que nos contou da experiência dele em hospedar tantos arquitetos de uma só vez: caótico, nos disse ele rindo.

1: <<https://1library.org/document/y43olpkz-xangai-devir-urbano-chines-cidades-mundo-ruinas-futuro.html>>. Acesso em 30 de dez. de 2021.

Por fim, a diversão é garantida no documentário quando os arquitetos, confusos, começam a brigar insatisfeitos com a falta de pagamento do projeto: eles esperavam ganhar em dólares ou euros, mas acabam recebendo um valor bem inferior, em *yuans*, e alguns chegam até a contar o dinheiro recebido no meio do saguão do hotel. Fica clara a motivação principal do aceite em participar de um projeto como esse, de um empreiteiro desconhecido, com dinheiro sem procedência, em uma região remota da Mongólia Interior. No vídeo, um dos empreiteiros fala: “*seria uma pena se uma proposta como essas não for construída, não é?*”, e completa: “*os arquitetos colocaram tanta energia e sabedoria neste projeto... seria mesmo uma pena ele acabar não saindo do papel, certo?*”.

Aí Weiwei fez uma provocação: criou um projeto *fake*, de uma cidade fantasma *fake*, dentro do que a mídia ocidental convencionou chamar de maior cidade fantasma da China, produziu uma grande maquete em madeira de ORDOS100 e, não contente, ainda expôs ao redor do mundo nas suas exposições. O curioso é que, apesar de não ser uma crítica sutil, o que se vê é pouca ou nenhuma repercussão dentro da arquitetura, numa atitude negacionista e de um silêncio insuportável. Com este documentário, maquete e exposição, Weiwei evidenciou uma série de problemas quanto à procedência, qualidade das respostas e a validade de dogmas, teorias e práticas contemporâneas, abrindo espaço para diversas discussões acerca da dita arquitetura contemporânea, que não vai muito bem.

Quanto à cidade de Ordos, ela vai bem: dados recentes apontam que, a partir de 2017, Kangbashi, contrariando às más línguas, passou a ser um lugar mais populoso, com mais e mais pessoas fixando residência em pelo menos um terço dos imóveis que tinham permanecidos vazios desde 2004 até nossa ida em 2015, pondo em cheque a aposta no fracasso e sátiras do modelo de urbanização em curso na China. Nós já havíamos mostrado na nossa dissertação de mestrado (intitulado Xangai e o devir urbano chinês, 2016[1]) que a construção na região da Mongólia era uma dupla cartada do Partido Comunista Chinês de “manter a hegemonia da etnia Han na região e desenvolver o extremo norte do país”, e é isso que se vê hoje em dia.



Figura 05: Moradores de Kangbashi no “eixão brasileiro” de Ordos, na China. Fonte: Foto do autor. Kangbashi, Ordos, China, 2015.